

A Educação e a pacificação da existência

Education and the pacification of existence

Clodoaldo Meneguello Cardoso

RESUMO

Em seu sentido ético, a educação refere-se à convivência humana pacífica fundada no reconhecimento e não na dominação do outro. A idéia de civilização construída no ocidente significou esta pacificação da existência humana. Na modernidade, surgiram dois grandes projetos desta emancipação humana. Primeiramente, o projeto iluminista propôs-se a libertar o ser humano das trevas da ignorância e do fanatismo religioso – geradores de violência – pelo pensar autônomo, lógico e científico. Kant a define claramente em *resposta à pergunta: O que é esclarecimento?* O segundo projeto de libertação finca suas raízes nos princípios marxistas. Criticando o individualismo da educação iluminista, este vai propor a emancipação do ser humano através de transformações profundas nas estruturas econômicas injustas, verdadeira fonte das violências. À emancipação intelectual somou-se a práxis política revolucionária. O resultado seria uma sociedade igualitária, pacífica, sem opressores e oprimidos. Contudo, todo o século XX foi um exemplo insofismável de que esses dois projetos não completam o sentido de emancipação. Não basta o esclarecimento, o progresso científico, a luta política pela igualdade social para superar a violência. Começou-se, então, a vislumbrar um outro elemento essencial de emancipação: a sensibilidade humana. Uma educação que desenvolva em cada um – além do pensar autônomo e da práxis política – a sensibilidade em perceber o outro como pessoa e todos na mesma condição humana tão frágil, minúscula e efêmera. Este novo sentido de emancipação está em construção; já se tem pegadas dele em Marcuse, Adorno,

Edgar Morin e outros. Parece que a possibilidade de pacificação da existência humana passa pela articulação dos três caminhos de libertação humana: a racionalidade, a justiça social e a compreensão pela sensibilidade.

Palavras-chave: educação, ética, filosofia.

Nem sempre damos conta que, no plano ético, a educação está necessariamente ligada à conquista da paz. Tomada em seu sentido mais profundo, a paz ultrapassa em muito aquela idéia empírica e reducionista de um *estado de espírito pessoal de satisfação e harmonia*; refere-se, sim, à convivência humana fundada no reconhecimento e não na dominação do outro.

A idéia de civilização construída no ocidente desde os filósofos gregos significou ideologicamente a pacificação da existência humana. Ou seja, civilizado era aquele que estava apto a uma convivência social a partir de regras e leis estabelecidas pela vontade coletiva, que pudessem preservar a dignidade de todos os indivíduos. Contrapondo a este estariam em estágios inferiores de evolução o selvagem e o bárbaro. O primeiro era visto como um habitante da floresta, fora da própria cultura humana e o bárbaro, todos aqueles considerados estranhos à cultura greco-romana. Não é por acaso que os termos *selvageria* e a *barbárie* aparecem como sinônimos de *violência* e de *grosseria*. A civilização consistia-se, pois, num estágio de maturidade em que se daria a substituição da violência da força física na solução dos problemas de convivência pela racionalidade da prática política.

Desde a Grécia, a educação exerceu um papel fundamental no processo civilizatório. Em Platão, a emancipação pela razão está magistralmente ilustrada no Mito da Caverna. A saída da caverna não é apenas uma analogia à libertação epistemológica, isto é, à superação dos conhecimentos fundados nas crenças e na impressões sensíveis pela verdade inteligível, mas também a emancipação ética em direção à idéia do Bem (CHAUÍ, 1994, p. 196). Este é o significado de *paidéia* como a formação educacional do espírito grego. Para Platão, “a ascensão da alma à região da luz e da verdadeira realidade... [é] ...obra de libertação do conhecimento, que ele chama de *paidéia*, no mais alto sentido da palavra” (JAEGER, 1989, p. 608).

Na modernidade o projeto iluminista recuperou este sentido de emancipação, uma vez que propunha-se libertar o ser humano das trevas da ignorância, do dogmatismo, do despotismo político e

m
CARDOSO, Clodoaldo
Meneguello.
A Educação e a
pacificação da existência.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 71-79,
2002.

do fanatismo religioso, – geradores de violência – pelo desenvolvimento de um pensar autônomo, lógico e científico, que resultasse em auto-reflexão crítica. Revendo o projeto geral da Luzes, Lyotard nos remete a Condorcet, que nos deixa bastante claro o sentido emancipatório da educação iluminista: “o objeto da instrução e formar cidadãos esclarecidos, capazes de debater e de decidir como conhecimento de causa” (LYOTARD, 1993, p. 49).

O reino da razão significava uma sociedade iluminada, esclarecida, em que os conflitos seriam resolvidos por meio do diálogo, da negociação racional e pelas leis estabelecidas pelo próprio povo. Com o domínio científico e tecnológico, o ser humano ampliaria seus limites, suas potencialidades. No horizonte estava uma sociedade pacificada; uma república fundada na liberdade, igualdade e fraternidade.

A emancipação pela razão foi claramente definida por Kant em *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* O esclarecimento (Aufklärung) é a maioridade do homem, que consiste em fazer uso público do seu próprio entendimento. É pensar por si, livre da tutela opressiva, dos preconceitos e do dogmatismo religioso, espalhando “...em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo” (1974, p. 102). O filósofo termina afirmando sua crença no pensamento autônomo e livre, que dá dignidade ao homem e o torna mais do que uma simples máquina (KANT, 1974, p. 116).

A visão iluminista de libertação tornou-se um dos fundamentos da educação humanista tradicional. O ser humano somente se realiza plenamente por meio do saber inteligível, conquistado pelo esforço pessoal. É a *pedagogia da essência* que valoriza modelos teóricos, a organização lógica de idéias e a sistematização da cultura historicamente acumulada (SILVA, 1986, p. 88-89). Acreditou-se que a integridade de intelectual produziria a integridade moral e, portanto, a ordem e a pacificação da convivência humana.

A utopia iluminista não se realizou. Após 300 anos de desenvolvimento vertiginoso da razão e da ciência, não eliminamos a violência das guerras e da miséria. Pelo contrário, o conhecimento científico e a tecnologia colocadas a serviço do modo de produção capitalista devastou a natureza e aprofundou ainda mais as desigualdades. E a Europa esclarecida tem sido palco de guerras e intolerância. Que estaria, então, faltando à emancipação pelo esclarecimento?

O segundo projeto de libertação encontra-se na pedagogia histórico-crítica alicerçada nos princípios marxistas. Ao criticar o individualismo da educação iluminista, esta vai propor a emancipação do ser humano através de transformações profundas nas estruturas econômicas injustas, verdadeira fonte das violências.

A educação surge como emancipação social. Ela deve contribuir para consciência crítica das estruturas de opressão e para uma ação política voltada para a transformação de tais estruturas tendo em vista uma sociedade igualitária e pacífica. E a principal causa da exploração, da miséria e exclusão social e, portanto, fonte de violências é o sistema capitalista. Emancipar-se aqui significa superar o individualismo; é tornar-se capaz de colocar o projeto pessoal de vida em sintonia com o projeto coletivo da comunidade. É construir uma sociedade socialista.

A pedagogia dialética, fundada no pensamento dialético, afronta decididamente a questão da formação do homem com sendo uma tarefa social. (...) Para a pedagogia dialética, a questão central da pedagogia e o homem enquanto ser político, a libertação histórica, concreta, do homem contemporâneo (GADOTTI, 1986, p. 148).

Para os defensores da emancipação social, a libertação da ignorância, proposta pelo iluminismo, não é suficiente para superar a violência e atingir a paz. A emancipação intelectual soma-se agora a práxis política revolucionária, cujo objetivo é transformar as estruturas sociais que geram a exploração humana. Tal atitude pressupõe uma profunda opção ética humanista em que a realização e o bem estar da coletividade humana assume o sentido último da conduta individual. Aqui a pacificação da existência se daria numa sociedade igualitária sem opressores e oprimidos.

Entretanto, todo o século XX foi um exemplo insofismável de que estes dois projetos não completam o sentido de emancipação. Não bastou o esclarecimento, o progresso científico, a luta política pela justiça social para superar a violência. Sociedades esclarecidas promoveram guerras e ódios, trucidando milhões de pessoas. Seu desenvolvimento se deu à custa da exploração de outros povos, relegando-os à miséria. As conquistas tecnológicas freqüentemente têm sido colocadas a serviço da dominação e da destruição. Por outro lado, revoluções em nome dos oprimidos derrubaram opressores mas nem sempre a opressão. A violência revolucionária programática não instaurou a convivência pacífica e sim estado de espírito armado à espera da revanche. Assim, a humanidade entrou no século XXI carregando um fardo enorme de medo, dor, ódio e ressentimentos, somados à miséria de muitos povos e à natureza ameaçada.

Foi preciso muito sofrimento para germinar uma consciência crítica sobre a distinção tradicional entre civilização e barbárie. No curso dos horrores da Segunda Guerra, Horkheimer já analisava em *Eclipse da Razão*, as contradições inerentes à emancipação pela ra-

m
CARDOSO, Clodoaldo
Meneguello.
A Educação e a
pacificação da existência.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 71-79,
2002.

zão. “O ser humano, no processo da sua emancipação, compartilha o destino do resto do mundo. A dominação da natureza envolve a dominação do homem.” (1976, p. 104). Em 1947, com Adorno, ele abre a *Dialética do esclarecimento* afirmando:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens dos medos e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal (1985, p. 19).

A construção de um novo sentido de libertação já teve espaço, ao longo do século XX. Com a consciência da limitação e das contradições do projeto da modernidade, surgiram alguns esboços de uma nova idéia de racionalidade propondo ultrapassar o racionalismo reducionista, fundamento do conceito moderno progresso material e humano.

Adorno, em *Educação após Auschwitz*, busca compreender as condições que tornaram possível a barbárie do holocausto numa sociedade considerada esclarecida. Embora mantenha firmemente sua crença nos caminhos de esclarecimento para que *Auschwitz* não se repita, Adorno já fala da importância da psicologia na formação do caráter desde a primeira infância, além do esclarecimento geral. E reconhece: “A educação tem sido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 169). Segundo ele, também a idéia de virilidade, pretensão ideal na educação tradicional, teve sua parcela na barbárie de Auschwitz. “O elogiado objetivo de ‘ser duro’ de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio” (ADORNO, 1995, p. 128). Entretanto, em *Educação após Auschwitz*, o que Adorno ainda não chega a perceber é a relação íntima entre *virilidade* e *racionalismo*. Na história da civilização ocidental, a idéia de racionalidade identificou-se com masculinidade, dominação, poder e força. Portanto, a educação voltada para a superação da barbárie implica uma educação do pensamento, que coloque em julgamento o próprio pensar ocidental como instrumento de repressão.

Foi esta a contribuição de Marcuse em *Eros e a Civilização*. Ele fala de uma razão erotizada como fenda de libertação da civilização repressora apontada pela psicanálise freudiana. Eros, como princípio do prazer, que se realiza na esfera da sexualidade sob condições não repressivas, expande-se, para Marcuse (1968, p. 193), em todas as relações sociais incluindo as relações de trabalho. Assim, libertada e ampliada a gratificação duradoura instintiva, realiza-se uma mudança qualitativa na existência humana; a descoberta

do sentido do tempo livre, ou seja, de uma atividade de auto-realização pessoal além do trabalho alienado repressivo voltado para a subsistência.

No grau em que a luta pela existência se torna cooperação para o livre desenvolvimento e satisfação das necessidades individuais, a razão repressiva dá margem a uma nova racionalidade de gratificação, em que a razão e a felicidade convergem (ADORNO, p. 194).

Em Edgar Morin (2001, p. 93-101), já temos mais claramente alguns contornos da ampliação da idéia de racionalidade, quando ele constata a exigência de se ensinar a compreensão humana num mundo marcado pela incompreensão, apesar do triunfo dos meios de comunicação. A compreensão pela inteligibilidade explicativa não é suficiente à compreensão humana. Esta tem necessariamente um caráter intersubjetivo. “O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos (...). Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.” (2001, p. 95). Portanto dizer à criança ou ao jovem: *Está bem, eu compreendo seu problema*, pode muitas vezes causar desalento e não conforto. Eles não esperam a compreensão intelectual que se tem diante de um problema matemático, mas uma identificação sensível com sua situação aflitiva.

É este o outro elemento essencial para a emancipação humana: a compreensão pela sensibilidade. Tomamos consciência da necessidade de uma educação que desenvolva em nós – além do pensar autônomo e da práxis política – a sensibilidade para perceber globalmente o outro como pessoa: com seus sonhos, alegrias, tristezas e sofrimentos; alguém igualmente participante de nossa mesma condição humana tão frágil, minúscula e efêmera. Aqui menoridade é ver o outro como número ou relacionar-se com ele apenas no plano de suas funções sociais: mãe, pai, filho, aluno, professor, porteiro, faxineiro, diretor etc.

Pela sensibilidade se percebe também mais facilmente a diversidade humana, descobrindo cada pessoa em sua singularidade. Sobre esse aspecto diz Lyotard: “se eu devesse atribuir uma finalidade à educação (...) seria a de tornar as pessoas mais sensíveis às diferenças, de fazê-las sair do pensamento massificante” (LYOTARD, 1993, p. 50).

Enfim, há urgência de uma educação que estimule a sensibilidade para perceber a vida globalmente como um sistema único muito mais amplo do que a vida humana; que exercite a percepção

m
CARDOSO, Clodoaldo
Meneguello.
A Educação e a
pacificação da existência.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 71-79,
2002.

do universo como um todo e de que as coisas e todos os seres vivos participam desse universo, não como o parafuso participa da máquina, mas como a gota d'água participa do oceano. Uma educação que nos emancipe da ilusão do perene, do estático e da pequenez do aqui-e-agora; que desenvolva em nós a sensibilidade para perceber que tudo é tão efêmero: a beleza, a saúde, as riquezas, os títulos, o poder, as verdades e que todos nós vamos igualmente passar e incorporar-nos no todo. Talvez o exercício da compreensão do outro e da realidade como um todo pela sensibilidade ajude a despertar em nós valores éticos, sentimentos generosos e atitudes de solidariedade.

Finalmente, ao pensar a educação e a pacificação da existência, é preciso ainda ter a clareza de que somente a interdependência das três dimensões de emancipação aqui tratadas garante uma educação realmente libertadora.

A história recente tem provado que nenhuma das propostas isoladamente conseguiu realizar o projeto emancipatório do ser humano, em vista de uma sociedade pacificada pelo reconhecimento do outro como sujeito. Quando se priorizou demasiadamente uma delas em detrimento das outras, o que se viu foram distorções, fanatismos, dogmatismos e ilusões.

A emancipação pela racionalidade, anunciada pelo iluminismo, levou à crença dogmática no progresso científico. Tal postura, exacerbada pelo capitalismo e manipulada ideologicamente, justificou a exploração e a dominação do outro e da natureza.

Por sua vez, a emancipação do coletivo pelo processo revolucionário, quando tomada isoladamente como valor absoluto, mostrou-se presa também de outras formas de dogmatismo. A posse da verdade única na política deixou, no século XX, um rastro de sofrimento e morte em vários países do leste europeu.

A emancipação pela sensibilidade foi também considerada o principal caminho de libertação, sobretudo por tendências educacionais alternativas e espiritualistas. Aqui se caiu em propostas idealistas ingênuas ou em atitudes empíricas desconsiderando em suas *teorias educacionais* os conhecimentos acumulados historicamente pelas ciências humanas. Isso sem falar da ideologização que freqüentemente se faz dessa tendência também por aqueles que evitam mudanças estruturais na sociedade que os desalojariam de suas posições privilegiadas.

Parece, portanto, que a possibilidade da pacificação da existência humana passa pela articulação equilibrada desses três caminhos de libertação: a racionalidade crítica, a igualdade social e a compreensão pela sensibilidade. É este um dos grandes desafios da educação no início do século XXI. Assim as novas gerações, apesar

de toda violência vivenciada, poderão acreditar e se engajar na construção de um futuro pacífico para a humanidade.

ABSTRACT

In its ethical sense, education refers to pacific human living focused on the recognition and not on the domination of the other. In the Western civilization, educating meant pacifying. In modern days, two major projects appeared from that human emancipation. Firstly, the Illuminist project wished to liberate the human being from the darkness of ignorance and religious bigotry – that generates violence – for the logic and scientific autonomous thinking. Kant clearly defined it in “Answer To A Question: What is Enlightenment?” The second liberation project has its roots set in Marx’s principles. By criticizing the individualism of the Illuminist education, it offered to emancipate human being by profound changes at the unjust economical structures, the real source of violence. To the intellectual emancipation was added the usual revolutionary policy. The result would be an egalitarian society, calm and with no oppressors and victims of any kind. Nonetheless, the 20th Century was an unsophisticated example that this two projects did not complete the meaning of emancipation. It’s not enough the enlightenment, the scientific progress and the political struggle to social equality to overcome violence. So, a glimpse of another element of emancipation was called for: the human sensibility. An education that discloses in each and every one – the sensibility to notice in the other a person, in his ephemeral fragile condition. This new meaning of emancipation is now developing; we can find some of this in Marcuse, Adorno, Edgar Morin and others. It seems that emancipation can occur through the articulation of three ways of the human liberation: rationality, social justice and the comprehension of the sensibility.

Key words: education, ethics, philosophy. m

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ADORNO T. W. Educação após Auschwitz. Tradução de Wolfgang Leo Maar. In: _____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- 2 CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a*

m
CARDOSO, Clodoaldo
Meneguello.
A Educação e a
pacificação da existência.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 71-79,
2002.

M
CARDOSO, Clodoaldo
Meneguello.
A Educação e a
pacificação da existência.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 71-79,
2002.

- Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.
- 3 GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação*: um estudo introdutório. 2. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.
 - 4 HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leita. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. 198 p.
 - 5 _____. ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
 - 6 JAEGER, W. W. *Paidéia*: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
 - 7 LYOTARD, Jean-François. O saber já não é um meio de emancipação. In: KECHIKIAN, A. *Os filósofos e a educação*. Tradução de Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia. Lisboa: Colibri, 1993.
 - 8 MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*: uma interpretação filosófica ao pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
 - 9 MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
 - 10 KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento? In: _____. *Textos seletos*. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. Edição Bilingüe.
 - 11 SILVA, A. I. S. *Valores em educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.